

Olhares sobre o filme 'O menino e o mundo' (2013): atravessamentos entre cinema e educações ambientais

Ana Paula Valle Pereira¹

Shaula Maíra Vicentini de Sampaio²

Resumo: O cinema é uma importante mídia audiovisual em nosso tempo presente, principalmente na formação e constituição dos sujeitos em nossa sociedade, formação esta que reflete na escola. Queremos explorar, pensar e evidenciar a experiência ético-estética do cinema. Pensando também em como a experiência do cinema multiplica narrativas sobre a questão ambiental e as suas possibilidades para as educações ambientais. Partimos desta forma, para uma breve análise do filme brasileiro de animação 'O menino e o mundo' (2013). Filme que conta a história de um menino em que seu pai migra da sua terra para a cidade em busca de emprego. Através de seus olhos de criança, o menino segue a procura do pai e se aventura por entre plantações, cidades e músicas.

Palavras chave: educação ambiental, cinema, cultura, filmes.

1 Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF, anapaulavallep@gmail.com;

2 Professora do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal Fluminense – UFF. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, shaula.maira@gmail.com;

O cinema e as costuras com as educações ambientais

É no limiar entre o uso “escolarizado”, que limita os filmes como objeto de cultura a um recurso didático, e o uso do cinema como objeto de experiência ético-estética e expressiva da sensibilidade, do conhecimento e das múltiplas linguagens humanas que acreditamos ser possível inspirar outras práticas educativas escolares (GUIMARÃES; FANTIN, 2016, p. 144).

O cinema é uma importante mídia audiovisual em nosso tempo presente, principalmente na formação e constituição dos sujeitos em nossa sociedade, formação esta que reflete na escola. Queremos neste texto explorar, pensar e evidenciar a experiência ético-estética do cinema, conforme pontuado pelos autores na epígrafe. Desta forma, antes de tecer suas leituras sobre uma obra cinematográfica, por que não exercitar uma certa abertura no olhar? Pensar com o filme, dar espaço para ele te atravessar e permitir que esta experiência te mobilize como pessoa e educador(a). A partir disso, ele também pode ser explorado “como objeto temático de intervenção educativa através da apreciação, análise, interpretação, e também da produção de audiovisuais” (GUIMARÃES; FANTIN, 2016, p. 144). Portanto, tendo em vista estes aspectos, buscamos pensar o cinema na formação cultural dos alunos. Nesse sentido, pensamos o cinema como um agente de socialização

[...] que possibilita diferentes encontros: de pessoas com pessoas na sala de exibição, das pessoas com elas mesmas, com as narrativas nos filmes, com as culturas nas controversas representações e com imaginários múltiplos. Nos encontros entre imaginário cinematográfico e identidades, o filme também pode ser entendido como veículo de consciência intercultural, lugar de reconhecimento local e de investimento psicológico. (GUIMARÃES; FANTIN, 2016, p. 143)

Este é um encontro pessoal, pois cada pessoa lança olhares para o filme de acordo com suas experiências. Quando as impressões sobre o filme são debatidas, estas experiências afloram na narração e também fazem movimentos em quem escuta, pois, “a narração é sempre um contar-de-si, contar e compartilhar com o outro sua própria experiência” (FERNANDES, 2015, p. 189). Ao contar sobre este encontro com o filme, quem narra e quem ouve também partilha experiências e se inventa nesta relação (ibid., p. 189). Esta invenção nos modos de ver e pensar constrói uma relação de processos

formativos em educação e cinema. Ademais, cria possibilidades também de pensar as educações ambientais, pois, ao trazer o filme como dispositivo buscamos também evidenciar as histórias e as subjetividades dos alunos como possibilidade para pensar estas costuras entre o cinema e as educações ambientais.

Afinal, relacionado às educações ambientais, o cinema é "largamente utilizado nas escolas para a formação de crianças e jovens no que diz respeito ao tema da natureza" (MARCELLO; RIPOLL, 2016, p. 1.046). Entretanto, as autoras citadas anteriormente (2016) observam neste artigo certa exploração tímida da temática do cinema ambiental nas pesquisas em educação. Estas realizaram um levantamento em três periódicos expressivos da área de ciências e educação entre os anos de 2010 até 2015 e observaram que apenas quatro artigos foram publicados com a temática em todo este período. Este dado mostra o quão importante é direcionar o olhar para esta questão que é massivamente explorada pelas produções cinematográficas, mas pouco pesquisada e pensada pela academia. E não nos resta dúvidas em relação à potência do cinema, principalmente atrelado às educações e especialmente às educações ambientais. O cinema possibilita a multiplicação de narrativas e é neste sentido que durante toda a escrita deste texto, usamos as educações ambientais, no plural, como forma de afirmar uma educação ambiental que possui múltiplas abordagens e uma rede multifacetada de discursos (SAMPAIO, 2005). E que buscam proliferar a multiplicidade de formas de ver a questão ambiental e suas narrativas.

Que aspecto põe em voga esta discussão? Em 26 de junho de 2014 foi sancionada a Lei 13.006 que acrescenta o inciso 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 dezembro 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esta lei "obriga que todas as escolas de educação básica exibam duas horas de cinema nacional por mês como componente curricular complementar, integrado à proposta pedagógica da escola" (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 4). Os autores formulam muitas dúvidas e inquietações que ainda rondam tal Lei, como será esta aplicação, quais serão os filmes, quem os escolherá etc. Acreditamos que esta institucionalização esteja pautada em uma crença de que existe a necessidade de inserção da cultura na escola. Como se ela não se encontrasse presente neste espaço em todas as suas dimensões (por exemplo, nos livros didáticos, no professor e nos alunos que trazem seus mundos para a escola, na organização do espaço, nas políticas educacionais etc.). A partir disto, acreditamos ser importante pensar com os filmes de uma maneira educacional que abra espaço para uma experiência ético-estética dos alunos.

Pensando nesta experiência dos alunos, a seguir, buscamos pensar em nossa própria experiência com o filme brasileiro de animação 'O menino e o mundo' (2013). A análise do filme, que trazemos detidamente na próxima seção, se pauta no fato de que este filme integrou oficinas que foram realizadas com alunos da Educação de Jovens e Adultos, na cidade de Niterói – RJ. Estas oficinas integraram a metodologia da monografia de Licenciatura em Ciências Biológicas da primeira autora. Buscando nestas atividades os olhares dos alunos a partir do encontro destes com a narrativa do filme, trazemos também durante a pesquisa, os nossos olhares sobre o filme. São estes nossos olhares sobre o filme que integram este texto. Olhares estes inspirados pelo trabalho de Guimarães e Fantin (2016) onde os autores fizeram este exercício de breve análise com dois filmes estadunidenses também de animação: 'Happy feet' (2006) e 'Os sem floresta' (2006).

O filme escolhido

Figura 1: Pôster oficial do longa



"O menino e o mundo" (2013) é um filme brasileiro de animação dirigido por Alê Abreu (figura 1) que têm por sinopse³:

3 Sinopse retirada do site Papo de Cinema, disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-menino-e-o-mundo/>. Acesso realizado em: 23/01/20.

Sofrendo com a falta do pai, um menino deixa sua aldeia e descobre um mundo fantástico dominado por máquinas-bichos e estranhos seres. Uma inusitada animação com várias técnicas artísticas que retrata as questões do mundo moderno através do olhar de uma criança.

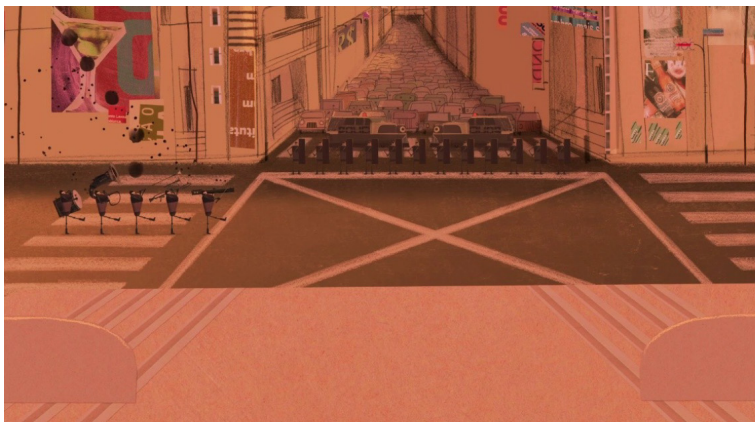
Para iniciar a conversa sobre o filme, gostaríamos de fazer o caminho inverso: ao invés de começarmos a falar do filme como obra finalizada, queremos trazer um pouco do início do que seria a história que deu origem ao filme. Acreditamos que entender um pouco dessa história de início, pode nos ajudar a fazer uma leitura mais aberta do filme. Em coluna para a Carta Capital, Mogadouro (2014a) inscreve os traços desta história que se dilui por diversas entrevistas do Alê Abreu. Logo após a finalização de um longa em 2008, ele assume um projeto de pesquisa que visava estudar a história da América Latina por meio das canções de protesto. Pegou sua mochila e percorreu diversos países, sempre com seu caderno, buscando entender essa conexão da história com a música. Em meio de suas anotações, desenhos e andanças se fez presente Cuca. Cuca era um menino que lhe contava diversas histórias que não seguiam uma cronologia, mas que eram permeadas pela viagem e pelas músicas latino-americanas. A primeira imagem a brotar “foi a de um menino em um jardim muito colorido, brincando com bichos e plantas, até que é levado pelo vento, aventurando-se pelo mundo” (ibid., 2014a).

Cuca perde seu nome com o tempo e vira apenas menino. Esse brotamento de ideias desconexas formam o início da produção. A relação com a música é extremamente evidente em toda a narrativa. Tanto para compor o filme, como para compor as relações, afetos e movimentos que o menino faz. De certa forma, a música também guia o menino. Ela evidencia muitas das relações afetivas entre os personagens. Por exemplo, a cena em que o menino guarda em um pote as notas que emergiriam do cantarolar de sua mãe enterra e depois enterra o pote. Esta cena nos faz pensar sobre o carinho e sobre a tentativa de guardar memórias e sensações tão sublimes quanto um cantarolar. Acreditamos que a música também é fonte de nossas memórias e evoca nossos sentimentos e os do menino.

Esteticamente o filme explora o desenho, as pinturas e suas diferentes texturas. No início do longa, enquanto o menino está se aventurando pelo cenário próximo a sua casa, o contraste do branco sobre os simples traços coloridos é harmônico. Quando menino se aventura até a cidade, incitado a procurar seu pai – que deixou sua família no interior na tentativa de encontrar emprego – o cenário muda e se forma a partir de colagens de revistas e

jornais, trazendo uma maior complexidade e, diria até uma poluição visual, para aquele ambiente (MOGADOURO, 2014b). Ele se aventura por este mundo repleto de cores, sons, coisas e pessoas que ele nunca poderia imaginar. Se encontra tanto com o belo, como a música que é apresentada com diferentes cores; como com a opressão que é apresentada sempre com o uso da cor preta (figura 2). Menino encontra múltiplas visões de ver e ser no mundo.

Figura 2: A cor da opressão – captura de cena do longa feita pelas autoras



O cineasta escolhe não ter uma narrativa verbal que dá inteligibilidade às cenas. Esta escolha se dá ao colocar as músicas e os desenhos em destaque. Sendo assim, nossa leitura e fruição do filme se dá na relação com as imagens e sons. As falas, que são tão importantes na maioria dos filmes comerciais que vemos, são falas na Língua Portuguesa ao contrário. Esta característica do filme causa um certo desconforto no espectador. Por ser um filme muito marcado pelo lirismo poético, ele faz um movimento diferente dos filmes comerciais (hollywoodianos) que estamos acostumados a assistir. Ele traz, assim, uma espécie de ruptura também com nossas próprias temporalidades. Por exemplo, com relação às imagens, ora a tela assume uma brancura que desacomoda as pupilas, ora inúmeros elementos de variadas cores invadem a cena. O menino em suas andanças percorre lugares não necessariamente físicos (como memórias, vontades e a sua própria imaginação) e conciliar estes movimentos do personagem causa também a lentidão da narrativa.

Este filme evoca o belo e a inocência, mas também a perda desta. O confronto com a realidade sem ser pelos olhos de uma criança é a materialidade de ser adulto ou de se tornar adulto representada pelos personagens que menino se encontra pelo caminho. A família é muito importante porque os

elos familiares ligam o menino à terra, ligam à quem ele é. Menino carrega numa mala, três vezes maior que seu tamanho, apenas uma fotografia de sua família que é a memória viva de seu pai, de sua mãe e de sua terra, sentimentos tão grandes que precisam caber numa mala imensa. A dor da partida, a dor da ausência e expectativa de ver alguém amado que se foi entreabre mundos entre nós e o menino. Neste lugar que é físico, mas que também é da imaginação e do afeto. Pensamos em como o cinema nos faz partilhar mundos (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015) e é nesta abertura que partilhamos sentimentos, sensações e afetos. Porque trata-se também “de compreender que o mundo ficcional não nos tira daquele que habitamos, mas que nele entreabre outros mundos. Trata-se de abrir mundos dentro do mundo, não separados entre si, mas em interação” (FERNANDES *et al*, 2017, p. 310).

Entendemos que ele conversa com as educações ambientais em variados momentos, seja ao explorar a ideia de capital e consumo desenfreado ou a degradação ambiental. Vemos o algodão sendo retirado do pé e levado à fábrica virando tecido. Esse tecido forma blusa, calça, camiseta que são vendidas de volta à aqueles que colheram e teceram o algodão. Por que a matéria prima sai de um lugar para o outro e retorna mais cara? Neste momento vislumbramos uma cidade isolada, em uma redoma flutuante no céu e lá, vemos pela primeira vez outras crianças sem ser o menino (figura 3). As próximas crianças só surgiram mais perto do fim do filme, quando menino olha para a cidade sentado em um carro abandonado em um lixão (figura 4). Por que as crianças de cima estão em veículos voadores, com roupas limpas e cuidados enquanto as crianças de baixo estão no lixão, sujas, brincando com ratos de estimação? O que faz uma criança merecer isto e a outra merecer aquilo? Que tipo de sistema naturaliza isso?

Figura 3: As crianças da cidade do alto – captura de cena do longa feita pelas autoras

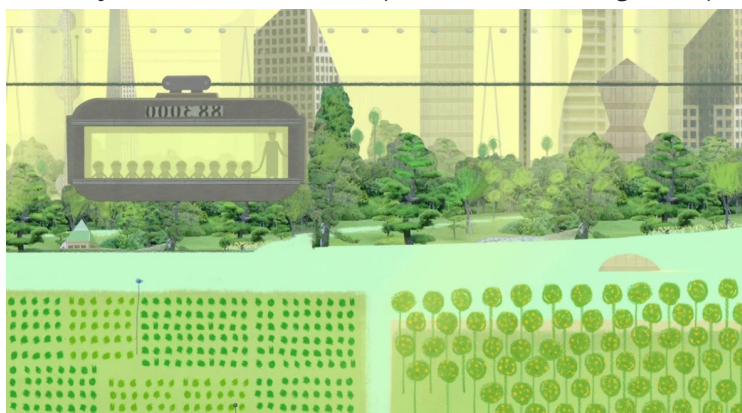


Figura 4: As crianças do lixão – captura de cena do longa feita pelas autoras



Por que a única cena sem ser animação no filme é de degradação, desmatamento, queimadas e indústrias? Para lembrar que este modo predatório capitalista de viver está na nossa frente. Seja seguir uma linha de produção que colhe o algodão, que faz o tecido, mas também que troca as pessoas por máquinas, tratando as pessoas como invisíveis, apenas números ou embalagens descartáveis. Quanto a estes aspectos, Mogadouro (2014b) resume em sua análise estes aspectos sobre a narrativa do filme:

Saindo de seu jardim colorido e poético, ele conhece a realidade dos processos de trabalho capitalista em todas as suas etapas: plantações de algodão em larga escala, tecelagem, distribuição para o mercado consumidor, exportação e, por fim, a publicidade incitando ao consumismo. A chegada da tecnologia para os trabalhadores significa o desemprego e a acentuação da exclusão. (p. 165)

Menino acompanha um dia de trabalho na fábrica de tecelagem do algodão. É envolvido em uma mesma rotina: trabalhar, pegar o ônibus lotado, subir o morro, se alimentar com qualquer coisa pronta que se compra em uma lata e ligar a tv até seu corpo cansado se entregar ao sono. O momento de alívio e de alegria deste trabalhador é a música que toca (figura 5). É quando o seu mundo se enche de cores. A música importa e a cultura importa mesmo quando forças opressoras querem que isso se acabe. A resistência é uma fênix.

Figura 5: A música como alento – captura de cena do longa feita pelas autoras



Entretanto, não pretendemos fechar este filme a apenas a nossa leitura. Trata-se de fazer um movimento contrário, de abertura da narrativa. E de uma abertura do olhar. Deixar que o filme nos atravesse. Caminhando para a conclusão do trabalho, trazemos para a conversa o animador brasileiro Luiz Bolognesi. Em entrevista com o Alê Abreu no programa Metrópolis do Canal Futura⁴, o cineasta trata um pouco dessa experiência estética que o filme faz transbordar em quem vê:

É de uma sensibilidade, de uma profundidade, de um lirismo e ao mesmo tempo é uma leitura política da América Latina. Ele é um filme universal, mas feito com a sensibilidade sem usar diálogo. Ele toca profundamente, ele é extremamente emocionante, é de um bom gosto extremo. A experiência estética de ficar vendo aquelas imagens é uma experiência muito transcendente mesmo.

Partilhando mundos com menino

A partir dos olhares que inscrevemos neste texto, gostamos de pensar em como este filme nos afetou e o que ele evocou em nós como pessoas, professoras e pesquisadoras. Em como ele multiplica, propõe e suscita mundos. A fala do animador resume, de certa forma, o que buscamos ao pensar a experiência ético-estética do filme. Muito interessadas por este seu caráter de partilhar mundos: aquele da narrativa fílmica e aquele do espectador;

4 Transcrição nossa da entrevista de Alê Abreu e Luiz Bolognesi no Programa Metrópolis, na TV Cultura em 25/06/2014. Disponível no link: http://tvcultura.com.br/videos/2067_luiz-bolognesi-e-ale-abreu-no-metropolis.html. Acesso realizado em: 23/01/20.

os nossos mundos, de nossos alunos e o mundo do menino. Pensamos com Migliorin (2014) que devemos apresentar essas visões variadas de mundo “não somente porque a ‘diversidade é linda’, mas porque o mundo é feito de dissensos, de embates, de lutas, de diferentes formas de organizar o desejo e a vida” (p. 101). Neste ponto vislumbramos o encontro com as educações ambientais defendidas em toda a escrita deste trabalho, pois essas criações, multiplicações e aberturas de mundos podem nos ajudar a buscar educações ambientais mais abertas e plurais que nos contem histórias outras sobre o ambiente. Especialmente pautadas, pelo fato, destas proposições de mundo conseguirem tensionar a ideia de que não há um único modo de vida, predatório e em constante desenvolvimento; mas sim, múltiplas visões e modos sobre como ser neste mundo, como as que menino encontrou por suas andanças.

Referências

FERNANDES, A. O cinema e o audiovisual na educação: reflexões de pesquisas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. Volume 8, Número 16 - maio/agosto 2015.

FERNANDES, A. H.; MONTEIRO, A.; SOARES, M. C. S. O cinema e a educação – as redes de significações e subjetividades tecidas nas/com as práticas e pesquisas. **ETD- Educação Temática Digital**. Campinas, SP v.19 n.2 p. 307-315 abr./jun. 2017.

FRESQUET, A.; MIGLIORIN, C. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas**. 1. ed. Ouro Preto: Universo. v. 1. 216p. 2015.

GUIMARÃES, L.; FANTIN, M. O cinema e os filmes de animação em contextos formativos. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 21 n. 1, p. 141-156. mar. / jun. 2016.

MARCELLO, F.; RIPOLL, D. A educação ambiental pelas lentes do cinema documentário. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 22, n. 4, p. 1045-1062. 2016.

MIGLIORIN, C. O cinema, a escola, o estudante e a invenção de mundos. In: BARBOSA, M.; SANTOS, M. (orgs.). **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Editora Libretos, Porto Alegre. 2014.

MOGADOURO, C. O Menino e o Mundo: radicalismo e marca autoral. Coluna Outras Palavras. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-menino-e-o-mundoradicalismo-e-marca-autoral-6396.html>. Acesso realizado em: 18/11/18. 2014a.

_____. O Menino e o Mundo - o simples e o complexo na mesma obra. **Comunicação & Educação**. Ano XIX, Número 2. Jul/dez, 2014b.

SAMPAIO, S. **Notas sobre a "fabricação" de educadores/as ambientais:** identidades sob rasuras e costuras. 2005. 207 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação.